

MARQUES, Débora; BASTOS, Liliane Cabral. A construção do *self* e do outro nas narrativas de um suspeito em um interrogatório policial da Delegacia da Mulher. *ReVEL*, vol. 12, n. 23, 2014. [www.revel.inf.br].

A CONSTRUÇÃO DO *SELF* E DO OUTRO NAS NARRATIVAS DE UM SUSPEITO EM UM INTERROGATÓRIO POLICIAL DA DELEGACIA DA MULHER¹

Débora Marques²

Liliana Cabral Bastos³

debora.marquesjf@gmail.com

lilianacbastos@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, analisamos narrativas e identidades construídas por um suspeito durante um interrogatório policial de uma Delegacia da Mulher. Numa perspectiva de análise qualitativa e que integra estudos interacionistas sobre as narrativas e as identidades sociais, observamos como o suspeito *desqualifica* o crime de lesão corporal – reclamado na delegacia por sua esposa – através da construção de identidades negativas dessa mulher e através da construção positiva do *self*, em que ele, por meio de estratégias de avaliação e discurso reportado, passa de *agressor* a *agredido*.

Palavras-chave: Narrativa; Identidade; Interrogatórios policiais; Violência.

INTRODUÇÃO

Em um ambiente institucional como o da Delegacia de Repressão a Crimes contra a Mulher (DRCCM) e, mais especificamente, durante interrogatórios policiais, contar histórias significa contar a versão ‘verdadeira’ dos fatos. O inspetor – quem coordena a interação – tem como meta institucional gerar provas testemunhais e físicas sobre o crime em questão. Nesse contexto, é por meio de uma interação

¹ Agradecemos ao CNPq pela bolsa de estudos de doutorado (a primeira autora) e pela bolsa de produtividade em pesquisa (a segunda autora), que possibilitaram a realização deste estudo.

² Doutoranda em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)/ Professora Substituta das disciplinas de Língua Portuguesa e afins no Departamento de Direito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Instituto Três Rios.

³ Professora do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

discursiva, coconstruída localmente, que vítima e suspeito negociam, junto ao inspetor, suas versões sobre o ocorrido. Essas versões são empacotadas, muitas vezes, em histórias que os participantes contam. Assim, as provas testemunhais coletadas nesse encontro são discursivamente construídas em episódios narrativos que vítimas e suspeitos trazem à tona durante os interrogatórios policiais.

Neste artigo, pretendemos discutir como, por meio das histórias que conta, o indivíduo apontado como suspeito (Pedro), em um interrogatório policial, realiza construções identitárias de si mesmo e do outro, no caso, a vítima – sua esposa, Vilma –, que fez a queixa junto à delegacia alegando ter sido agredida fisicamente. Para tanto, assumimos uma abordagem construcionista, segundo a qual não apenas as práticas discursivas são constitutivas da realidade, mas também a análise dessas práticas é um meio privilegiado para o entendimento da produção de sentidos na vida social (SPINK; FREZZA, 1998[2004]). Articulamos teorias sobre identidade e narrativa (MISHLER, 1986; BASTOS, 2008; LABOV, 1972; SACKS, 1968[1992]; MOITA LOPES, 2009) objetivando analisar as identidades e as histórias como trajetórias orientadas para propósitos interacionais específicos e com sentidos coconstruídos de modo situado (BAMBERG, 2002; LINDE, 1993; SCHIFFRIN, 1996; BASTOS, 2005).

Os indivíduos que participam do ambiente institucional da Delegacia estão imersos em uma vida social permeada por identidades contextualmente construídas e ligadas por relações de assimetria de poder (FABRICIO; LOPES, 2002; THORNBORROW; COATES, 2005). Sob essa perspectiva, pretendemos contribuir para tornar inteligível o mundo social presente nesse ambiente institucional, por meio da análise de narrativas emergentes nesse contexto legal.

1 METODOLOGIA DE PESQUISA E OS DADOS DE ANÁLISE

Os interrogatórios policiais estão presentes no trabalho investigativo das Delegacias Cíveis Brasileiras, que recebem queixas de possíveis crimes/delitos, geralmente notificadas por meio de Boletins de Ocorrência (BOs). Quando esses BOs chegam ao conhecimento do delegado, cabe a ele apurar o caso, gerando provas físicas (trocas de correios eletrônicos, fotos, etc.) e provas testemunhais (geradas via interrogatório policial).

Essas provas dão base para que a inspetoria (policiais civis que trabalham junto ao delegado) possa produzir um relatório desse inquérito policial, o qual deverá ser encaminhado ao Judiciário, no qual um juiz – baseado no inquérito apresentado e nos interrogatórios que presidir – aplicará a pena adequada em conformidade com a tipificação do crime realizado. Cabe ressaltar que os casos levados às delegacias podem ser arquivados: (i) caso não haja provas suficientes; (ii) caso a vítima não queira dar andamento à queixa; e/ou (iii) caso o Estado, por meio da Delegacia, não tutele a queixa.

Nossos dados de pesquisa foram gerados no período de abril a maio e de agosto a outubro de 2007, em um projeto de pesquisa qualitativa, que articula perspectivas da Análise da Conversa de base etnográfica com a análise interacional da narrativa. Foram gravados, em áudio, dez interrogatórios policiais, dos quais participaram, pelo menos, a vítima, o suspeito e o inspetor. Tanto a vítima quanto o suspeito poderiam estar presentes ou legalmente representados.

Inspirados por uma metodologia etnográfica, realizamos, durante a geração de dados, notas de campo com o intuito de registrar impressões não captáveis pelo gravador, tais como a apresentação de documentos. Registramos a data, os participantes presentes nos interrogatórios, o posicionamento físico dos participantes na sala onde acontecem os interrogatórios na Delegacia, além de outros comentários gerais que pensávamos serem pertinentes para a nossa pesquisa.

Para a realização das transcrições dos interrogatórios policiais, utilizamos as convenções do sistema adotado na Análise da Conversa (cf. Anexo A⁴). A fim de preservar o anonimato dos participantes deste estudo, todos os nomes pessoais bem como o nome da cidade foram substituídos por nomes fictícios quando citados no decorrer das interações.

Para identificar os falantes, usamos identidades institucionais, localmente relevantes, empregadas pelos próprios participantes, seguindo uma perspectiva êmica. Por isso, usamos as identidades usadas pelo próprio inspetor de polícia nesse ambiente institucional: inspetor – é como ele autodenomina-se; vítima e suspeito⁵. Para além, acreditamos que esse tipo de indexação pode se articular com outros

⁴ Usamos o sistema desenvolvido por Jefferson, que se encontra em Sacks *et al.* (1974).

⁵ A esse respeito, destacamos que outros pesquisadores – tais como Drew (1984), Sarangi (2000), entre outros que investigam ambientes instrucionais – também elegem usar as identidades institucionais em detrimento de nomes próprios em suas transcrições.

movimentos identitários dos participantes, ao mesmo tempo em que registra a força do ambiente institucional no qual a interação ocorre.

2 OS INTERROGATÓRIOS POLICIAIS, AS DELEGACIAS DA MULHER E A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

O conceito de violência está ligado a contingências históricas, a questões e a problemas sociais (MINAYO, 1986[2006]). No que tange à violência contra a mulher, os impactos de uma sociedade brasileira contemporânea altamente violenta podem ser observados, por exemplo, em pesquisas quantitativas sobre o tema. Em relação à violência cometida entre familiares⁶, por exemplo, pesquisas apontam que (i) 11% das brasileiras com 15 anos ou mais já foram vítimas de espancamentos cometidos, em 56% dos casos, por seus próprios maridos ou companheiros⁷; (ii) 63% das vítimas de violência no espaço doméstico são mulheres⁸; (iii) a maioria das pessoas não confia na proteção jurídica e policial à mulher vítima de agressão; (iv) as questões culturais e o álcool estão por trás da violência cometida contra a mulher; e (v) com medo de morrer, as mulheres não abandonam seus agressores⁹.

A mídia e movimentos feministas contribuíram para que, no final da década de 1970 e início da década de 1980, a violência contra a mulher passasse a ser vista como crime na sociedade brasileira¹⁰. A conscientização de serem crimes a violência doméstica e a lesão corporal contra as mulheres foi fortalecida com a criação das delegacias especiais em defesa da mulher¹¹. Assim, se antes as questões relativas ao campo domiciliar eram consideradas privadas, com a atuação das delegacias, o combate à violência contra a mulher passou a ser exercido em instâncias públicas.

⁶ Para ter acesso às pesquisas realizadas sobre o tema, conferir em: <http://www.sepm.gov.br/nucleo/dado>.

⁷ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/mulher/especial.html>. Acesso em: 29 out. 2010.

⁸ Disponível em: <http://copodeleite.rits.org.br/apc-aa-patriciagalvao/home/noticias.shtml?x=691>. Acesso em: 29 out. 2010.

⁹ Disponível em: <http://www.sepm.gov.br/nucleo/dados/pesquisa-avon-violencia-domestica-2009.pdf>. Acesso em: 29 out. 2010.

¹⁰ Por exemplo, os assassinatos de Ângela Street por seu companheiro Doca Street, ambos da elite social, e logo depois, em 1980, os homicídios das mineiras Maria Regina Rocha e Heloisa Ballesteros.

¹¹ As delegacias em defesa da mulher recebem diferentes nomes nos estados brasileiros. Em São Paulo, é chamada de Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) e, na delegacia onde nossos dados foram gerados, Delegacia de Repressão a Crimes Contra a Mulher (DRCCM).

Nesse sentido, a mulher agredida – moral, física ou psicologicamente – pode acionar o trabalho investigativo e de repressão à violência por meio da realização de um Boletim de Ocorrência (BO), o qual é, geralmente, expedido por um policial civil ou militar convocado a comparecer no local do crime. Essa convocação pode ser realizada pessoalmente, em um posto policial, ou por meio de chamadas telefônicas.

De posse do BO, os agentes das Delegacias podem dar abertura ao inquérito policial, que é instaurado quando as partes envolvidas no crime/delito são chamadas à Delegacia para prestarem depoimentos. O teor desses depoimentos é analisado pelos policiais responsáveis¹² pelo caso, para que as medidas necessárias sejam tomadas. A esse cruzamento de informações dá-se o nome de “processo de averiguação dos fatos”, que se realiza, discursivamente, no evento denominado interrogatório (ANDRADE; OSTERMANN, 2007), momento em que geramos nossos *corpora* de pesquisa.

Após o interrogatório, é confeccionado um relatório em que o policial registra suas impressões coletadas na interação e aponta provas, caso haja, como fotografias, exame de corpo de delito, mensagens de texto provenientes de telefones móveis ou de páginas da internet, etc. Esse relatório contribui para a continuação ou para o arquivamento do caso mediante a presença ou não de elementos suficientes que corroborem o crime. O processo é, então, encaminhado ao delegado do distrito policial, e, depois de analisado, direcionado ao judiciário.

Como mencionado acima, no momento do interrogatório, há uma tentativa de ‘busca da verdade’¹³, e essa busca processa-se por meio da coleta de provas testemunhais, que se organizam discursivamente, sobretudo, por meio das histórias que os participantes contam durante esse encontro.

3 NARRATIVAS

Entendemos narrativa “como uma forma de organização básica da experiência humana, a partir da qual se pode estudar a vida social em geral (...) [e para a qual se considera] que contar histórias é uma prática social, uma atividade histórica e

¹² Na Delegacia em que geramos nossos dados, apenas a delegada era uma mulher, os inspetores de polícia, incluindo aquele que aparece em nossos dados, são homens.

¹³ Destacamos que não é nosso objetivo discutir a questão ‘do que seja ou não verdade’, o que nos importará é analisar como, interacional e discursivamente, as identidades são narrativamente construídas no interrogatório policial.

culturalmente situada (...)” (BASTOS, 2004, p. 119). Além do caráter situado histórico-social, consideramos também que essas histórias são “situadas na sequência conversacional” de que fazem parte (BASTOS, 2004, p. 121). Nesse sentido, o trabalho narrativo é interacional, desempenhado e coconstruído entre participantes dos eventos sociais (SACKS,1968[1992b]).

A partir de Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972), analisaremos os momentos avaliativos das narrativas que o suspeito conta. Nessa perspectiva, interessa-nos entender como são construídas as avaliações, isto é, os modos como os próprios participantes avaliam as histórias que contam e, sobretudo, como o suspeito avalia a si mesmo e à esposa (vítima no ambiente legal da Delegacia).

Quanto ao trabalho interacional de contar/ouvir histórias – em situações de fala cotidiana e que não sigam um roteiro pré-definido –, o narrador, geralmente, tem de negociar com os outros participantes um espaço para contar sua história: ele precisa assegurar um espaço interacional para sua narrativa, já que suspende o andamento regular da troca de turnos ao deter a posse da palavra por um período maior do que o habitual, o que acarreta que seus turnos de fala fiquem mais longos (GARCEZ, 2001). Contudo, em nossos dados na Delegacia, esse movimento narrativo segue a sistemática de pares adjacentes de Pergunta e Resposta (P-R)¹⁴: é o inspetor quem gerencia a alocação de turnos, ou seja, a seleção do próximo falante corrente, bem como é ele também quem dá o conteúdo temático, ou seja, é ele quem elicia a história por meio da pergunta que faz, oferecendo, com isso, um espaço interacional para que as histórias possam ser contadas.

4 IDENTIDADES E *SELF*

De acordo com Schiffrin (1996), a narrativa é uma das formas de se chegar a um entendimento do *self* que emerge de nossas ações e de nossas experiências. Essa construção está relacionada a como nossas histórias se desenrolam e a um conjunto de significados, de crenças e de práticas socioculturais.

¹⁴ Pares adjacentes são sequências de dois turnos adjacentes, produzidos por dois interlocutores distintos, em que a especificidade da primeira parte do par condiciona e determina a especificidade da segunda parte do par (SCHEGLOFF *et al.*, 1977).
ReVEL, vol. 12, n. 23, 2014

Nesse sentido, em nossas análises, focalizaremos como o suspeito constrói seu *self*, partindo do pressuposto de que este está inserido em um conjunto de significados e de normas regulatórias do que significa, entre outras coisas, o que é ser homem/pai/marido/trabalhador e ser mulher/mãe/esposa/dona de casa na sociedade brasileira atual. Ainda, nos interessará analisar, no contexto dos episódios de relato, que movimentos avaliativos são realizados por ele e em que medida essas avaliações constituem o *self* construído por esse suspeito.

Conforme aponta Mishler (1986), é por meio da linguagem que descrevemos objetos e eventos, explicamos como algo funciona e por que algo aconteceu, ou ainda, persuadimos outras pessoas no curso de uma ação e de experiências narrativas: “nós expressamos, mostramos, declaramos o que somos – e o que gostaríamos de ser – nas histórias que contamos e como as contamos. Em suma, nós desempenhamos nossas identidades” (MISHLER, 1999, p. 19).

Desse modo, neste artigo, ao analisarmos episódios narrativos em que o suspeito constrói identidades para si mesmo e para sua esposa, interessa-nos entender como ele age pela linguagem, ou seja, como, discursiva e interacionalmente, ele constrói-se identitariamente ao contar sua ‘versão’ na delegacia.

Conforme De Fina (2003) destaca, a construção identitária no discurso pode se voltar para a apresentação do *self* em relação às suas experiências sociais. Nesses casos, ela aponta como a apresentação do *self*, através das estruturas de ações das narrativas, pode representar, esquematicamente, “quem fez o quê”. É nesse movimento que os narradores constroem agência para si próprios e para os outros.

5 AVALIAÇÃO E DISCURSO REPORTADO

A análise das narrativas será centrada na presença de recursos avaliativos e discursos reportados, negociados e construídos pelo suspeito nas narrativas.

As avaliações, segundo Labov (1972), podem ser realizadas através de mecanismos internos e externos. Os de avaliação interna consistem, basicamente, em recursos sintáticos de ênfase e de intensificação. Os mecanismos externos, normalmente, consistem em uma explicitação mais direta de sentimentos e posições do narrador.

Na análise que se segue, examinaremos, sobretudo, o uso de mecanismos de avaliação externa, nos quais o suspeito interrompe a história a fim de qualificar/avaliar as ações da vítima/esposa, assim como suas próprias ações, para seu ouvinte, no caso, o inspetor de polícia.

Para a análise do discurso reportado, seguiremos, basicamente, De Fina (2003), que o conceitua como um recurso narrativo usado para realçar aspectos importantes do mundo das histórias, uma vez que, ao produzir narrativas com discurso reportado, os narradores constroem um espaço de fala narrada no qual certas ações e certas personagens são destacadas, projetando, assim, interpretações particulares sobre o que aconteceu. Por essa via, a autora posiciona o estudo dos discursos reportados na narrativa como um *locus* para estudar a agentividade dos discursos construídos narrativamente.

De Fina (2003) aponta que o discurso reportado é, por sua vez, uma estratégia avaliativa central, usada para enfatizar diferentes aspectos e elementos da narrativa. Isso acontece, por exemplo, (i) quando os narradores dão destaque às personalidades de suas personagens, dando voz a elas; (ii) quando os narradores apresentam-se a si mesmos como figuras morais, ativando cenários nos quais diferentes personagens falam; (iii) quando os narradores avaliam os eventos representando as reações das personagens; e (iv) quando os narradores fazem as ações proeminentes, representando-as através do diálogo, em vez de simplesmente recontá-las.

De maneira semelhante, as noções de Goffman (1981) de autor – quem produz uma elocução – e de animador – quem reproduz essa elocução –, nos ajudam a olhar para os estilos de citação, os quais produzem diferentes relações entre as vozes nas narrativas: (i) discurso reportado direto: há uma separação precisa entre as falas do animador e do autor, marcada pelo uso do verbo *dicendi* (ela disse, falou, etc.), que cria a ilusão de que aquilo que foi reportado é realmente aquilo que, de fato, foi proferido; (ii) discurso reportado indireto: há a apresentação do “mundo do autor através da voz do animador”; e (iii) discurso reportado indireto livre: há uma fronteira menos clara entre a voz do autor e a voz do animador, bem como as expressões não são claramente atribuídas ao autor ou ao animador (DE FINA, 2003, p. 94).

Os discursos reportados, assim, representam aspectos particulares da narração, conforme destaca De Fina (2003, p. 95, tradução nossa):

(...) dentro da narrativa, o discurso reportado tem a função específica de transmitir a avaliação de quando os narradores usam suas próprias vozes ou quando usam as vozes dos outros para, implicitamente, destacar elementos da história. O discurso reportado, então, constitui-se em uma estratégia de interpretação das características do mundo da história dentro do mundo de contar histórias¹⁵.

Como veremos, o discurso reportado nas narrativas é um importante dispositivo, que pode ser habilidosamente gerenciado pelo narrador em tentativas de inocentar-se, retirar ou minimizar sua culpa, construindo, por exemplo, identidades com atributos positivos para si mesmo e negativos para o outro.

6 ANALISANDO OS DADOS

Como acima explicitado, analisaremos a narrativa do suspeito, examinando recursos avaliativos (LABOV, 1972), dentre os quais também o discurso reportado (DE FINA, 2003). Nesse cenário, essas dimensões de análise contribuirão para entender o caráter situado e negociado das interações: os participantes avaliam ao tecer comentários, ao dar impressões emocionais e pessoais sobre algum fato ou história contada. Ao se localizarem como suspeito e vítima no ambiente institucional em análise, por exemplo, os participantes negociam identidades que estão baseadas em aspectos sócio-históricos e em significados locais, coconstruídos no discurso em que se engajam.

Analisaremos, em uma perspectiva discursivo-interacional, como, nas histórias que conta, o suspeito de um interrogatório, Pedro, constrói identidades para si próprio e para a vítima, Vilma. Veremos como, no interrogatório que identificaremos como Interrogatório Policial V¹⁶ (IP V), é analisada uma queixa, na qual Vilma acusa Pedro de lesão corporal.

¹⁵ “Within narrative discourse reported speech has the specific function of conveying evaluation since narrators use their own voices or the voice of others to implicitly highlight elements of the story. Thus reported speech constitutes a strategy of interpreting of features of the story world within the storytelling world” (DE FINA, 2003, p. 95).

¹⁶ Para fins da análise, os excertos analisados serão numerados e informarão: IP V (Agressão física do marido contra esposa, 2007, 1: 2-6), neste caso, “IP” é a sigla de Interrogatório Policial – “V” – essa indexação está ligada ao modo como foi categorizado e numerado: foram gerados 10 (dez) interrogatórios policiais e “Agressão física do marido contra esposa, 2007” refere-se ao *nome* dado ao IP e ao ano da gravação. Entre parênteses, temos: “1” é o número da página da transcrição e “2-6” diz respeito ao intervalo de linhas recortado no excerto.

Em nossas análises, apresentaremos quatro narrativas do suspeito, Pedro, inseridas em respostas às perguntas feitas pelo inspetor, nas quais os movimentos avaliativos e os discursos reportados funcionam na negociação de identidades, para o próprio suspeito e para sua esposa, Vilma.

6.1 CONSTRUINDO O OUTRO NARRATIVAMENTE: “ELA É UM TORMENTO, JÁ DEU PRA VOCÊ (.) PERCEBER QUE ELA É AGITADA”

Nesta subseção, analisaremos como o suspeito Pedro, em suas narrativas, constrói a identidade de sua esposa/vítima, Vilma. Vejamos, no fragmento a seguir, como ele responde ao inspetor a respeito de já ter registrado alguma ocorrência em desfavor da esposa:

Excerto I (IP V, Agressão física do marido contra esposa, 2007, 04: 09-41)

09 Inspetor o senhor::: já registrou alguma ocorrência em desfavor
10 dela, o senhor::,
11 Suspeito eu (.) registrei uma vez.
12 Inspetor quanto tempo tem isso?
13 Suspeito rapaz, eu nem me lembro de cabeça, só que é o seguinte
14 (.) es- eu num eu peguei o número da ocorrência, no dia
15 que eu fiz, num veio- num vim entregar a ocorrência,
16 entendeu, mas (.) ela já fez umas duas ou três que eu
17 num:: nem lembro (.) a gente vive junto já há dez anos
18 (.) entendeu, é:: como se diz, o meu casamento já vem
19 ruim já de uns tempos atrás, ela já separou de mim umas
20 dez vezes (.) dentro desses dez anos. toda separação é
21 ela que quer, eu venho relevando pelos filhos, porque eu
22 gosto muito dos meus filhos, gosto dela, mas eu amo meus
23 filhos (.) entendo, [então nós vamos levando]
25 Vítima [()]? num sabia dessa não.
26 Inspetor deixa ele falar, toda vez a senhora interrompe, deixa
27 ele falar um pouquinho, daqui a pouco a senhora já fala
28 de novo (.) mas não adianta aqui a gente aqui ficar
29 tentando falar um mais alto que o outro, deixa ele falar
30 um pouquinho, espera só um minutinho.=
31 Suspeito =eu sou uma pessoa que o senhor pode ir lá, entendeu,
32 procurar [saber da comunidade]
33 Inspetor [já fui], já fui.=
34 Suspeito =eu saio cedo, chego (.) por volta de quatro, cinco
35 horas, o dia que eu carrego caminhão eu não tenho
36 horário pra chegar (.) então eu chego, quero tomar meu
37 banho, e quero descansar. ela é um tormento, já deu pra
38 você (.) perceber que ela é agitada, e eu sou calmo, sou
39 tranquilo (.) por isso que nós estamos vivendo até hoje,
40 entendeu, porque eu relevo muita coisa, tô relevando,
41 pelos filhos (.) entendeu. porque eu [quis

No Excerto I, há duas histórias sendo contadas por Pedro: essas histórias não são, como veremos, narrativas canônicas, no sentido laboviano, mas contêm elementos que nos permitem compreendê-las pelo menos como narrativas mínimas.

Na primeira, Pedro recria a trajetória do casamento (linhas 17-23), construindo sua narrativa sobre o tipo de relacionamento que tem com a esposa Vilma – a relação conflituosa, marcada por separações e o amor que sente pelos filhos e que faz com que eles (marido e mulher) vão “levando” a vida e o casamento. Na segunda narrativa, em que constrói a si mesmo, ele recria sua própria trajetória diária de trabalho/vida, construindo-se como um homem trabalhador e como um bom pai, que “releva” os problemas do casamento pelo bem dos filhos (“por isso que nós estamos vivendo até hoje, entendeu, porque eu relevo muita coisa, tô relevando, pelos filhos” (linhas 39-41)).

Nesse ponto inicial do interrogatório, já vemos uma construção de imagem positiva do narrador (essa construção positiva do *self* será vista mais detidamente na próxima seção), em contraponto com uma imagem negativa da vítima/esposa Vilma.

Pode-se observar como Pedro muda o foco da pergunta do inspetor: ao invés de relatar sobre as queixas que ele teria feito contra a esposa, ele volta sua narrativa para as vezes em que ela realizou ocorrências contra ele: “ela já fez umas duas ou três que eu num:: nem lembro” (linhas 16-17). Dando sequência, ele constrói Vilma como uma mulher que, ao contrário dele, não luta pela relação dos dois: “ela já separou de mim umas dez vezes (.) dentro desses dez anos. toda separação é ela que quer” (linhas 19-21).

Pedro avalia a esposa, Vilma, como uma pessoa agitada e que atormenta as pessoas ao seu redor, dado o seu temperamento difícil: “ela é um tormento, já deu pra você (.) perceber que ela é agitada, e eu sou calmo, sou tranquilo (.) por isso que nós estamos vivendo até hoje, entendeu, porque eu relevo muita coisa,” (linhas 38-40). Podemos notar aqui a presença de avaliação externa, pois o narrador/suspeito, Pedro, interrompe o fluxo da narrativa e dirige-se ao inspetor, interrompendo a narração das ações para adjetivar/avaliar a vítima/esposa, Vilma. O temperamento difícil da esposa é apontando como algo que prejudica o relacionamento e, de certa forma, justifica atitudes impensadas que ela tem e que forçam o outro, no caso, ele – o marido/suspeito, a relevar “muita coisa”.

Em outro momento do interrogatório, Pedro avalia Vilma como uma mãe que não cuida, suficientemente bem, da educação da filha, já que não ajuda a filha, com paciência e atenção, a fazer os deveres da escola.

Excerto II (IP V, Agressão física do marido contra esposa, 2007, 03: 12-33)

12 Inspetor que que o senhor- que que tá acontecendo lá pra tá::
13 gerando tanto atrito assim.
14 Suspeito é o seguinte (.) no dia (.) que houve isso aí, semana
15 passada (.) eu cheguei ((inspetor chama funcionária))
16 eu cheguei (.) por volta de quatro e meia do meu
17 serviço.
18 (1,5)
19 Suspeito aí tava minha filha e uma sobrinha minha (.) aí
20 perguntei pra ela, cadê a sua mãe, aí ela falou assim,
21 a mãe tá lá no (.) colégio, foi numa reunião da escola.
22 (1,0)
23 Suspeito eu falei, tá bom.
24 (1,0)
25 Suspeito aí ela chegou (.) falou pra mim, pedrinho, o diretor
26 falou assim (.) que (.) as nossas duas crianças vão
27 precisar de psicólogo. aí eu falei, vilma, psicólogo
28 das crianças é você mesmo. (.) você vai ensinar um
29 dever à menina, você num tem paciência (.) entendeu (.)
30 a menina (.) pega pra fazer o dever, erra, você bate.
31 então num é assim, é só você maneirar o jeito de lidar
32 com a menina que ela vai melhorar, tanto na escola como
33 no jeito de agir.

Através da história contada, o suspeito argumenta que o desleixo da mãe é que causou os problemas psicológicos que a filha tem. Para construir Vilma como uma mãe desleixada, Pedro fala sobre a conversa que esta teve na escola com o diretor (linhas 25-33). Com isso, pretendemos ver como Pedro, por meio das histórias que conta, parece querer desconstruir-se como suspeito ao construir-se como um bom pai e como um bom marido e, em contrapartida, como ele, ao construir Vilma como péssima mãe e péssima esposa, parece querer desconstruir a identidade institucional de vítima no ambiente da Delegacia.

Na narrativa acima – de natureza mais canônica do que as duas anteriormente analisadas –, que se inicia na linha 14 e vai até a linha 33, Pedro reporta o evento narrado por Vilma a ele, sobre a conversa com o diretor da escola da filha: “aí ela chegou (.) falou pra mim, pedrinho, o diretor falou assim (.) que (.) as nossas duas crianças vão precisar de psicólogo.” (linhas 25-27). Como ação responsiva, ele culpa a esposa, Vilma, pelas atitudes da filha, construindo-a como uma mulher que bate e que não tem paciência: “você vai ensinar um dever à

menina, você num tem paciência (.) entendeu (.) a menina (.) pega pra fazer o dever, erra, você bate.” (linhas 28-30).

Nessa narrativa, Pedro usa o discurso reportado, dando voz primeiramente à filha (linha 21) e depois a Vilma (linhas 26 e 27), trazendo para sua própria história a cena vivida. Com isso, conforme De Fina (2003) aponta, ele enfatiza as ações ao representá-las através do diálogo, em vez de simplesmente recontá-las de forma indireta. A utilização do discurso reportado direto parece atuar, aqui, como uma estratégia avaliativa central, que funciona na construção da ‘realidade’ do evento, dando a entender que o discurso recontextualizado reflete o que de ‘fato ocorreu’.

Além de construir Vilma como uma mãe impaciente, vejamos como, na narrativa a seguir, Pedro constrói-a como alguém dissimulado, que planeja e que forja uma agressão:

Excerto III (IP V, Agressão física do marido contra esposa, 2007, 04:48-57 e 05: 01-08)

48 Suspeito SÓ TAVA EU (.) ela (.) e meus dois filhos (.) ELA DISSE
49 PRA MIM E PRA DIVINA (.) disse que se a gente brigasse,
50 se acontecesse de eu esbarrar ela, ela ia bater com o-
51 com o corpo, com a cabeça, no- no portão, na
52 parede, pra fazer hematoma pra me prejudicar. eu
53 jamais, o senhor pode ver que (.) bater em mulher num é
54 o meu costume (.) que se eu ti- fosse batedor de
55 mulher, eu já tinha batido nela há mais tempo, porque
56 tem dez anos, >o senhor vê<, agora que veio acontecer
01 essa fatalidade.
02 ((inspetor conversa com uma funcionária))
03 Suspeito entendeu, (.) eu fiz isso mesmo pra me defender. outra
04 [vez↑
05 Inspetor [isso o quê?]
06 Suspeito POIS É, esse empurrão, igual ela me agrediu, eu
07 simplesmente empurrei ela.=
08 Inspetor =hum.

No Excerto III (linhas 48-52), o suspeito introduz uma narrativa hipotética de Vilma, usando, como recurso avaliativo, o discurso reportado, trazendo a voz dela para a narrativa. Segundo o narrador, por meio do discurso reportado, Vilma planejará a agressão, caso eles brigassem, de modo a “prejudicar” (linha 52) o marido, Pedro. A forma de construção dessa narrativa foi habilidosa, no sentido de que, usando o discurso reportado da fala da esposa, Pedro conferiu à sua história maior dramaticidade. Ainda, a presença da “DIVINA” (linha 49) na cena aponta uma possível testemunha do plano arquitetado pela esposa, funcionando, assim, como um

argumento de autoridade. Desse modo, Pedro constrói Vilma como uma mulher dissimulada, que planeja e que executa seu projeto de culpar o marido junto à delegacia.

Nessa perspectiva, Pedro se mostra como um narrador habilidoso, que, por meio de suas avaliações e do uso de discursos reportados diretos, negociou, na interação, atributos considerados negativos na sociedade brasileira para as identidades de mãe e de esposa, avaliando-a, com o uso de adjetivos, como uma mulher (i) agitada, que atormenta, (ii) que não cuida, suficientemente bem, da educação da filha e (iii) que é dissimulada. Para isso, ele narrou quatro pequenas histórias que manifestaram o comportamento inadequado de Vilma, desqualificando-a como esposa e como mãe, para depois, tentar desqualificar a agressão e a queixa – motivo do BO – feita por ela na delegacia: “POIS É, esse empurrão, igual ela me agrediu, eu simplesmente empurrei ela.” (IP V, 2007, 05:06-07). A seguir, o empurrão é apresentado como uma fatalidade e não como uma ação da qual ele foi o agente.

6.2 A CONSTRUÇÃO DO SELF: “ (...) SE EU TI- FOSSE BATEDOR DE MULHER, EU JÁ TINHA BATIDO NELA HÁ MAIS TEMPO”

Na subseção anterior, discutimos como as práticas narrativas do suspeito, Pedro, construíram a mãe/esposa/vítima, Vilma, de forma negativa. Passaremos, agora, a examinar as histórias que ele contou e que o construíram no ambiente legal da Delegacia.

Para o trabalho investigativo desse ambiente institucional, as construções identitárias de Pedro direcionam-se para a desqualificação da agressão física, na medida em que, ao invés de atacar, ele se coloca no papel daquele que se defende das atitudes da esposa. Como já mencionamos, ao dizer - “POIS É, esse empurrão, igual ela me agrediu, eu simplesmente empurrei ela.” (IP V, 2007, 05:06-07) ele busca mitigar sua agentividade na ação de agressão.

Vejamos, no Excerto IV, a seguir, parcialmente analisado anteriormente (cf. Excerto II, na subseção anterior) como ele se constrói como um bom pai:

Excerto IV (IP V, Agressão física do marido contra esposa, 2007, 03: 12-49)

12 Inspetor que que o senhor- que que tá acontecendo lá pra tá::
13 gerando tanto atrito assim.
14 Suspeito é o seguinte (.) no dia (.) que houve isso aí, semana
15 passada (.) eu cheguei ((inspetor chama funcionária))
16 eu cheguei (.) por volta de quatro e meia do meu
17 serviço.
18 (1,5)
19 Suspeito aí tava minha filha e uma sobrinha minha (.) aí
20 perguntei pra ela, cadê a sua mãe, aí ela falou assim,
21 a mãe tá lá no (.) colégio, foi numa reunião da escola.
22 (1,0)
23 Suspeito eu falei, tá bom.
24 (1,0)
25 Suspeito aí ela chegou (.) falou pra mim, pedrinho, o diretor
26 falou assim (.) que (.) as nossas duas crianças vão
27 precisar de psicólogo. aí eu falei, vilma, psicólogo
28 das crianças é você mesmo. (.) você vai ensinar um
29 dever à menina, você num tem paciência (.) entendeu (.)
30 a menina (.) pega pra fazer o dever, erra, você bate.
31 então num é assim, é só você manejar o jeito de lidar
32 com a menina que ela vai melhorar, tanto na escola como
33 no jeito de agir.
34 (1,5)
35 Suspeito aí ela:: (.) ficou brava, me ofendendo com palavras e
36 coisa e tal, passou. aí daí a pouco!
37 (1,5)
38 Suspeito aí ela:: eu falei assim, você foi no seu pai hoje? ela
39 falou (.) fui, não te devo satisfação, filho duma puta,
40 com o perdão da palavra, filho duma égua. não te devo
41 satisfação. (.) aí foi lá dentro, perguntou- perguntou
42 pra essa sobrinha minha (.) entendeu, pergun- aí a
43 minha sobrinha falou num, num- num fui eu que falei que
44 falei com ele que a senhora foi no vô não (.) aí foi
45 perguntou a minha filha, aí a minha filha falou, foi eu
46 mãe, aí ela falou, minha filha (.) o dia que VOCÊ (.)
47 falar pra esse >filho da puta< aonde eu fui (.) você-
48 você vai apanhar, que eu não devo satisfação da minha
49 vida pra essa >filho da puta<.

Nessa narrativa, Pedro coloca-se como um pai atento (e hierarquicamente superior), que sabe e que aconselha a mulher, Vilma, sobre como resolver os problemas da relação com sua filha: “então não é assim, é só você manejar o jeito de lidar com a menina que ela vai melhorar, tanto na escola como no jeito de agir.” (linhas 31-33).

Na linha 38, o suspeito encaixa outra narrativa sobre a ida da esposa, Vilma, à casa do sogro, na qual se constrói como um homem que não revida a agressões verbais. Ele traz a voz dela por meio de discurso reportado direto, no qual ela usa expressões de baixo calão: “filho duma puta” (linha 39) e “filho duma égua” (linha 40). Segundo seu relato, ele não revida com agressão verbal: sua estratégia foi a de voltar para o presente, ou seja, para o evento discursivo na delegacia, usando a

expressão – direcionada ao inspetor – “com o perdão da palavra”, que avalia, negativamente, a fala grosseira da esposa.

Na subseção acima, Pedro construiu quatro narrativas que avaliaram Vilma como uma mulher dissimulada, descontrolada e como uma péssima mãe. Nas narrativas presentes no Excerto I, exposto na subseção 6.1, das linhas 9-24, ele, em contrapartida, se constrói como um pacificador, como aquele que entende, que aceita e que releva as atitudes tempestuosas da esposa em prol do casamento e do seu amor pelos filhos, se construindo, assim, como um bom pai e como um marido exemplar: “a gente vive junto já há dez anos (.) entendeu, é:: como se diz, o meu casamento já vem ruim já de uns tempos atrás, ela já separou de mim umas dez vezes (.) dentro desses dez anos. toda separação é ela que quer, eu venho relevando pelos filhos, porque eu gosto muito dos meus filhos, gosto dela, mas eu amo meus filhos (.) entendeu,[então nós vamos levando]” (Excerto I).

As formulações discursivas de Pedro parecem construir, habilidosa e cuidadosamente, atributos sociais positivos de pai zeloso e de marido compreensivo, o que desacredita uma possível atitude agressiva e impensada por parte dele: “toda separação é ela que quer” já que “eu gosto muito dos meus filhos, gosto dela, mas eu amo meus filhos”.

A construção do *self* de Pedro extrapola o espaço doméstico, já que ele narra, argumentando, que tem um ótimo comportamento fora de casa, uma vez que é um bom vizinho, um trabalhador e um pai que se sacrifica dia após dia para dar o melhor para sua família, como pode ser observado nas narrativas presentes no Excerto I: “=eu sou uma pessoa que o senhor pode ir lá, entendeu, procurar [saber da comunidade]” (IP V, 2007, 04:31-32). Nesse ponto, o narrador, Pedro, introduz uma breve narrativa sobre sua rotina: ““=eu saio cedo, chego (.) por volta de quatro, cinco horas, o dia que eu carrego caminhão eu não tenho horário pra chegar (.) então eu chego, quero tomar meu banho, e quero descansar. ela é um tormento, já deu pra você (.) perceber que ela é agitada, e eu sou calmo, sou tranquilo (.) por isso que nós estamos vivendo até hoje, entendeu, porque eu relevo muita coisa, tô relevando, pelos filhos (.) entendeu. porque eu [quis” (cf. Excerto I). O caráter dessas ações rotineiras é marcado pelo presente histórico: “saio”; “chego” e “carrego”.

Na sequência, ele se constrói como uma pessoa calma, realizando o que Labov (1972) chama de avaliação externa intermediária: o narrador atribui uma marca avaliativa para si no próprio curso da narrativa: “então eu chego, quero tomar meu banho, e quero descansar. (...) eu sou calmo, sou tranquilo”. Além disso, também se mostra como uma pessoa que sabe relevar – nesse ponto, ele conclui, avaliativamente, usando (i) a repetição do verbo relevar e (ii) o uso da forma nominal gerúndio (que marcam a avaliação interna de intensificação) o quanto ele é compreensivo, razão pela qual o casamento tem durado: “por isso que nós estamos vivendo até hoje, entendeu, porque eu relevo muita coisa, tô relevando, pelos filhos (.)”.

Para finalizar, Pedro negocia para si uma posição de homem incapaz de agredir fisicamente uma mulher (cf. Excerto III acima), já que, segundo ele “bater em mulher num é o meu costume (.) que se eu ti- fosse batedor de mulher, eu já tinha batido nela há mais tempo” (IP V, 2007, 04: 53-55).

Como vimos, nas narrativas analisadas, Pedro constrói-se de diferentes maneiras: (i) como bom pai, que não causa danos aos filhos; (ii) como aquele que aceita, passivamente e sem revidar, a agressões verbais; (iii) como um pacificador, que releva atitudes e agressões da esposa; (iv) como um bom vizinho e como um homem trabalhador; e (v) como aquele que seria incapaz de cometer um ato impensado e uma agressão física a uma mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, partindo de uma perspectiva construcionista dos estudos sobre narrativas e identidades, buscamos analisar movimentos avaliativos e os discursos reportados, inseridos em narrativas, nas quais o suspeito, Pedro, construiu identidades do *self* e do outro.

Observamos como a vítima, Vilma, foi construída de forma negativa, ou seja, com atributos sociais negativos para as identidades de mãe e de esposa, o que a colocou como uma mãe desleixada e como uma mulher dissimulada, desequilibrada, agitada e com temperamento difícil; em contraponto, vimos como o suspeito, Pedro, construiu-se como um bom pai, como uma pessoa calma, trabalhadora, que releva muitas coisas no casamento em prol de seu amor pelos filhos.

Com nossas análises, esperamos contribuir com o trabalho investigativo daqueles que atuam em ambientes institucionais-investigativos, a fim de que observem que as ‘respostas’ às ‘perguntas’ feitas em cenários de coleta de provas testemunhais podem conter muito mais do que apenas a narração dos ‘fatos vividos’: devem ser vistas como oportunidades discursivo-interacionais de ‘recriação do vivido’ a partir de histórias que, além de trazer as ‘cenas vividas’, constroem os participantes/personagens envolvidos a partir da perspectiva do narrador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, D. N. P.; OSTERMANN, A. C. O interrogatório policial no Brasil: a fala institucional permeada por marcas de conversa espontânea. *Calidoscópico*, vol. 5, n. 2, 2007. pp. 92-104.
2. BAMBERG, Michael. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 149-185.
3. BASTOS, Liliana Cabral. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. *Calidoscópico*, 3(2), 2005, p.74-87
4. _____. Diante do sofrimento do outro – narrativas de profissionais de saúde em reuniões de trabalho. *Calidoscópico*, vol. 3, n 2, 2008, pp. 76-85.
5. _____. Narrativa e Vida Cotidiana. *Scripta*, vol. 14, n 7, 2004, pp.118-127.
6. DE FINA, Anna. *Identity in narrative: a study of immigrant discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
7. DREW, Paul. Contested evidence in courtroom cross-examination: the case of a trial for rape. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, J. *Structures of social action*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1984. pp. 470-520.
8. FABRÍCIO, Branca Falabela; LOPES, Luiz Paulo Moita. Discursos e Vertigens: identidades em xeque em narrativas contemporâneas. *Veredas*, vol. 6, n. 2, 2002. pp. 11-29.
9. GARCEZ, Pedro. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: B.T. RIBEIRO; C. LIMA; M.T. LOPES

- DANTAS. (Eds.). *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2002. pp. 189-213.
10. GOFFMAN, Erving. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
 11. LABOV, William. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. pp. 354-396.
 12. LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle: University of Washington Press, 1967. pp. 12-14.
 13. LINDE, Charlotte. *Life stories*. The creation of coherence. New York: Oxford University Press, 1993.
 14. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Violência e saúde*. Rio de Janeiro : Fiocruz, 1986[2006].
 15. MISHLER, E. Language, meaning and narrative analysis. In: *Research Interviewing*. Context and narrative. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
 16. _____. *Storylines: Craftartists' Narratives of Identity*. Cambridge: Harvard, 1999.
 17. MOITA LOPES, Luiz Paulo. A performance narrativa do jogador Ronaldo como um fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. *Revista da ANPOLL*, vol. 27, 2009. pp. 129-160.
 18. SACKS, Harvey. Lecture 1. Second stories; 'Mm hm;'' Story prefaces; 'Local news;'. Tellability. In: *Lectures on conversation*, vol. I. Oxford: Basil Blackwell, 1968[1992a].
 19. _____. Lecture 2. Features of a recognizable 'story;'' Story prefaces; Sequential locator terms; Lawful interruption. In: *Lectures on conversation*, vol. I. Oxford: Basil Blackwell, 1968[1992b].
 20. _____. Lecture 3. Story organization; Tellability; Coincidence, etc. In: *Lectures on conversation*, vol. I. Oxford: Basil Blackwell, 1968[1992c].
 21. SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. Trad. ReVEL, vol. 12, n. 23, 2014

- Coord. Maria Clara Castellões de Oliveira. *Veredas*, vol. 7, n. 2, jan/dez, 1974[2003] pp. 9-73.
22. SARANGI, S. Activity types, discourse types and interactional hybridity: the case of genetic counseling. In: SARANGI, S.; COULTHARD, M. (Ed.). *Discourse and Social Life*. London: Longman, 2000. pp. 1-27.
23. SCHIFFRIN, Deborah. Narrative as self-portrait. *Language in Society*, vol. 25, n. 2, 1996. pp. 167-203.
24. SCHEGLOFF, Erving; SACKS, Harvey; JEFFERSON, Gail. The preference for self-construction in the organization of repairs in conversation. *Language*, 53, 1977, pp. 361-382.
25. SPINK, Mare Jane; FREZZA, Rose Mary. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. Aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998[2004].
26. THORNBORROW, J.; COATES, J. The sociolinguistics of narrative – Identity, performance, culture. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. *The sociolinguistics of narrative*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. pp. 1-16.

ABSTRACT: In this paper, we analyze identity in narrative episodes built by a suspect during a police interrogation in a Women's Police Station. Integrating qualitative and interactionist studies on narratives and social identities, we see how the suspect disqualifies the crime of bodily injury - claimed at the police station by his wife - through the construction of negative identities of his wife and through positive self-construction. Using evaluation and reported speech, he transforms his image, from perpetrator to victim.

Keywords: Narrative; Identity; Police interrogations; Violence.

Recebido no dia 03 de maio de 2014.

Aceito para publicação no dia 21 de agosto de 2014.

ANEXO A

Convenções de Transcrição

Os símbolos usados foram desenvolvidos por Jefferson e encontram-se em Sacks, Schegloff & Jefferson (1974).

| | |
|-------------------------------|---|
| [colchetes] | fala sobreposta |
| (0.5) | pausa em décimos de segundo |
| (.) | micropausa de menos de dois décimos de segundo |
| = | contiguidade entre a fala de um mesmo falante ou de dois falantes distintos |
| . | descida de entonação. |
| ? | subida de entonação. |
| , | entonação contínua. |
| ? , | subida de entonação mais forte que a vírgula e menos forte que o ponto de interrogação. |
| : | alongamento de som. |
| - | auto – interrupção. |
| <u>sublinhado</u> | acento ou ênfase de volume. |
| MAIUSCULA | ênfase acentuada. |
| o | fala mais baixa imediatamente após o sinal. |
| o palavras^o | trecho falado mais baixo. |
| Palavra: | descida entoacional inflexionada. |
| Palavra: | subida entoacional inflexionada. |
| ↑ | Subida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos sublinhados |
| ↓ | descida acentuada na entonação, mais forte que os dois pontos precedidos de sublinhado. |
| >palavras< | fala comprimida ou acelerada. |
| <palavras> | desaceleração da fala. |
| <palavras | início acelerado. |
| hhh | aspirações audíveis. |
| (h) | aspirações durante a fala. |
| .hhh | inspiração audível. |
| (()) | comentários do analista. |
| (palavras) | transcrição duvidosa. |
| () | transcrição impossível. |
| th | estalar de língua. |